

REDACÇÃO PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
EDITOR — JOAQUIM CARDOSO

Redacção, administração e tipografia, Calçada do Combro, 38-A, 2.
Lisboa — PORTUGAL
Endereço telegraphico: Telnaba — Lisboa • Telefone 1
Officina de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 116

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

A educação social

O ambiente criado pelas classes dominantes — as que gostam, as que proíbem, as que desmoralizam — não é de molde a favorecer consciências sãs. Há muito que reconhecemos isto e, por termos reconhecido, desejamos a transformação desse ambiente destruidor.

A burguesia tem descurado todos os problemas que não lhe interessam directamente e, entre eles, o que mais abandonado tem sido é o da educação. Muita gente confunde educação com instrução. De facto há, entre uma e outra, pontos de contacto, mas não são a mesma coisa, e o homem mais instruído tem obrigação de ser o mais educado, visto que conhece a maneira de se educar. Mas infelizmente assim não acontece. Temos visto homens instruídos que não se sabem conduzir na vida com correcção.

A instrução baseada na sabedoria, na erudição, nos conhecimentos literários, científicos e artísticos; a educação é o aperfeiçoamento moral, o aperfeiçoamento que os próprios analistas podem conseguir.

A educação emana da moral do indivíduo; é generosidade, solidariedade, amor à liberdade.

Indivíduo que possui estes sentimentos bastante desenvolvidos, torna-se delicado para com os outros. Foram estas qualidades de espírito que criam esta frase, síntese da verdadeira conduta do homem entre os homens: «Não faças aos outros aquilo que não queres que te façam».

Infelizmente a educação decai, de dia para dia. Quando a educação desaparece dentro duma civilização, dentro duma fórmula política, ou dum regime social, mal vai aos homens. As sociedades mantêm-se mais sobre a educação dos seus membros do que sobre a instrução. A educação é, em regra, a moral dos povos.

Ora, a sociedade portuguesa está profundamente perversa. Estamos, como os romanos, na decadência, sem nunca termos tido uma civilização que se assemelhasse à de Roma. As classes superiores há muito que perderam a moral e a educação; e alguma delinquência que ainda revelam, não vem do espírito, mas de uma maneira de ocultar as ambições, as paixões, as imperfeições de espírito. A delinquência tem muito de hipocrisia.

Toda a gente deve ter notado a forma amável como os políticos, os capitalistas e muitos intelectuais reaccionários, tratam os que estão na sua dependência. As suas palavras encantam, seduzem e desconcertam os trabalhadores rudes, embora muitos destes tenham uma noção mais elevada da solidariedade, da liberdade e da igualdade. Porém, se as palavras encantam, os actos repugnam, contradizendo a sua brutalidade e a beleza das falas. A educação não é a palavra bonita; esta deve ser o resultado de espírito e, quando assim não é, o indivíduo, que de tais processos faz uso, não passa dum hipocrita, dum intrínseco, dum covarde, porque não tem, muitas vezes, a coragem necessária para mostrar sentimentos que possam desagravar aos outros. A sinceridade é a principal condição da educação e o que, quando rude no espírito, se mostra de modo a converter, não é sincero: é hipocrita.

Hipocrisia, sempre hipocrisia, eis o que domina na sociedade actual. Hipocrisia no parlamento, hipocrisia em todas as instituições, eis o que se encontra. Não ninguém se entende, andar tudo à matança. Andamos todos enganados.

As características da falta de educação dominantes são: hipocrisia, falta de palavra, ociosidade, ambição, desprezo pelos direitos de todos, acobertados pela delinquência de trato, pelas promessas que não se cumprem, pelo sofismo dos direitos, que dizem ser sagrados.

São as instituições, os políticos, a imprensa, a arte, a ciência, etc., que criam ambiente social em que o povo vive, e o povo respira. Já vimos que a falta de educação predomina neste ambiente, tornando o homem fruto do que o rodeia, que temos nós a esperar dum povo que está em constante contacto com a hipocrisia dos de cima?

O ambiente é mau, o povo não pode ser bom. No entanto sempre é melhor do que os senhores. É dele que ainda, de quando em quando, um gesto nobre, ele ainda conserva qualquer coisa de puro, uma reserva de sentimentos bons que, quasi sempre, quando o ambiente chega ao máximo de decadência, por meio da revolta, uma nova moral, uma nova educação.

Foi o povo que acabou com o regime moral e decadente da monarquia portuguesa; foi o povo que na Rússia em estilhaços e terríveis bárbaros; foi o povo que em 1640 eliminou o domínio castelhano — a moralidade da opressão.

NÃO APOIADO!

LOCUTÓRIO DUM INSURRECTO

Constituiu-se aí há tempo uma parquia de médicos que, arvorados em peritos para a avaliação da integridade mental de cada um, e reputando-se padroes de normalidade, deram em proclamar que o mundo estava avariado do miolo. Se fosse isto só não teria o facto importância de maior, tratando-se apenas duma monomania como qualquer outra, inofensiva, aliás, pois já a parquia está meio desacreditada, e muito não tardará que o esteja completamente, tanto os seus ditames são absurdos. Os desmandos da parquia assumem, porém, uma excepção gravidade, pois deles pode resultar o internamento nos manicómios para criaturas no pleno gozo das suas faculdades, que a desgraça tenha submetido às observações dos destemperados psiquiatras. O resultado dessas observações é invariável, e sempre dá por louca e precisa de internamento a pessoa observada. Como os pseudo-alienados, a cada momento, o seu perfeito equilíbrio mental, a desmentir os juízos desesperados da parquia, inventou esta a classificação de «loucura lúcida» para aplicar aos doidos que estejam... em seu perfeito juízo. Este suplicio do homem lúcido a quem se acioia de doido já a Zola mereceu algumas das suas mais emocionantes páginas, e a Strindberg uma peça de teatro monumental. E, de facto, para desarranjar o cérebro mais forte. O desarranjar naquelas circunstâncias, perdida a consideração social, percebendo a impossibilidade de recuperar a confiança daqueles que só desconfiavam de quem se desconfiavam, arremessado para uma cela de alienado, cárcere às vezes perpétuo, não sabendo que fazer para justificar-se, pois de todos os seus gestos e de todas as suas palavras se sacariam ilações desfavoráveis — se protesta e se revolta, é porque está furioso, se passeia porque passeia, se para porque para — acabará fatalmente por sofrer na razão alterada profunda, que a tensão de espírito, a proximidade dos verdadeiros doidos e várias outras circunstâncias singulares aceleram. Não. Estes poderes excepcionais de que goza a parquia tem de ser restringidos. Há vítimas que merecem toda a nossa solidariedade. Uma infeliz senhora, de quem os jornais se tem ocupado ultimamente, e cuja integridade mental é atestada por quantos a avistaram — excepto, é claro, uns tantos que tem interesse em atestar o contrário e soberbar puxar para o seu lado a parquia aludida — vê-se forçada a esconder-se para que a não prendam e de novo a internem. A parquia afirma o seu desarranjo, e tanto basta para que se condene a perpétua clausura uma criatura de quem os tribunais se desinteressam e que para ninguém pode apelar. Não, isto não pode ser assim!

A LEVA DA MORTE

A misteriosa agressão ao preso Manuel Vieira

A polícia continua a calada ante as supostas, que não são apenas nossas, mas de muitas pessoas, acerca da traiçoeira agressão feita na noite de sexta-feira ao jovem sindicalista Manuel Vieira, silêncio que consideramos obscuro e inofensivo.

Limitou-se a lançar aquela série de atoardas, em que ninguém acreditou e cujas contradições já aqui demonstramos. Diziam essas atoardas que um grupo de cúmplices esperava a passagem do preso, junto do quartel da guarda republicana dos Paulistas. E esse grupo, que segundo a própria polícia, esperava do lado de baixo, disparou dois tiros, que atingiram Vieira, que ia de cima, pelas costas. Não é isto muito extraordinário?

E o que torna o caso ainda mais nebuloso é o facto de tal António Maria, mais conhecido por António da Praça, que não foi convidado para acompanhar o preso, nem pertence à polícia de segurança do Estado, a isso se prestar com tanto desinteresse. O desinteresse dum criatura que tem um cadastro dos mais completos!

A scena da leva da morte foi, pois, resuscitada exactamente por aqueles que tanto a criticaram. O caso necessita ser esclarecido. O povo está farto de ser vítima da polícia e de ser enganado. As suspeitas avolumam-se. E se alguma autoridade moral alguma vez a polícia pudesse ter tido, este caso tornaria-se.

Até que explicações cabais sejam dadas, nós não deixaremos de erguer o nosso protesto de repulsa à tentativa de assassinato realizada contra um preso. E não deixaremos também de formular as perguntas que ontem fizemos e que hoje repetimos, acrescentando mais duas:

1.º Como é que os pseudo-amigos do preso soberbar que este havia de sair às 21 e meia horas do governo civil para a esquadra do Caminho Novo?

2.º Como é que o preso havia de passar, a pé, pela calçada dos Paulistas, em direcção à mesma esquadra?

3.º Tendo-se atentado contra a vida do preso em frente do quartel da guarda republicana, como se explica que nenhum dos policiais — e eles eram em tão grande número! — não lançasse a mão a qualquer dos pretendidos amigos daquele, nem os soldados da guarda republicana o fizessem por sua vez?

4.º Como explica a polícia a contradição que há entre o número de tiros disparados, que foram apenas dois, e o que ela diz terem sido feitos, que seriam muitos mais?

5.º Não é verdade que de tarde, depois de Manuel Vieira ter agredido o vogal do tribunal de Deuses Social, e quando já estava capturado, alguns dos agentes que à noite acompanhavam o preso foram dos populares que mais gritaram: «mata! mata!»?

6.º Os governantes e seus partidários, que tanto alarme fizeram, no tempo do sidonismo e depois, contra a tenebrosa scena de «Leva da morte», já mandaram fazer, por entidades estranhas à polícia, qualquer inquérito aos agentes e seu auxiliar que na noite de sexta-feira acompanharam um homem que ia sob a sua guarda?

7.º Como é que a polícia explica o facto de Manuel Vieira ter sido transferido, à sua ordem, do hospital de S. José para o Linoeiro, vinte e quatro horas depois de ter entrado naquele hospital e quando o seu estado era ainda melindroso?

8.º Como se compreende que afirmando a polícia que o pretendido grupo de amigos de Manuel Vieira o esperava à esquina da Travessa do Alcaide, donde, segundo ela, foram feitos os tiros, o preso fosse atingido pela retaguarda, quando, dando crédito àquela sua afirmação, o devia ser de frente?

9.º Como que intuito acompanhava o desqualificado António Maria, também conhecido por António da Praça, o preso à esquadra do Caminho Novo, quando é certo que não foi incumbido de semelhante missão, uma vez que ela foi dada a vários agentes da polícia de segurança do Estado e da civica, e não à de investigação, onde presta serviços?

O PROBLEMA DA FOME

A sua solução é impossível dentro da organização social presente

O problema da carestia da vida e da escassez dos géneros, está reconhecido ser impossível solucionar dentro dos actuais moldes da sociedade, cujo mecanismo se baseia na exploração do trabalho e na especulação exercida sobre os produtos.

Com a febre de enriquecer, que se apossou duma grande parte dos indivíduos, qualquer coisa que se podesse tentar para pôr um travão à rapidez vertiginosa com que se caminha para o abismo da fome, era um esforço baldado, pois, sem desrespeitar e ferir até a morte os pretensos direitos dos capitalistas e proprietários, nada de sério e eficaz resultaria em benefício comum.

Está-se chegando aos limites duma civilização, que tendo brilhado sob um montão de cadáveres, começa a ser assediada pela atmosfera de ódios e violências, de maldades e injustiças, que produziu através do mundo.

O povo, desorientado pelas dificuldades de vida a que nos conduziu a organização burguesa, sem uma saída encontre no seu mal-estar: o emprego da violência, a revolução, contra aqueles que mais culpados são da sua desgraça. O que viria depois não sabe ele, nem isso o preocupa; o seu desespero é superior a qualquer espírito de providência. A este estado o conduziriam os criminosos que tem acumulado fortunas fabulosas à custa do sofrimento das populações.

Se a massa se preocupasse com o que há de vir depois, a substituir isto, ela prepararia-se, não confiando tudo da acção do seu desespero, que sendo óptimo para destruir o presente, pouco é para a construção do futuro, porque não é uma força orientada e consciente.

Dessa desorientação e dessa inconsciência esperam, mais uma vez, os burgueses triunfar, sem notarem que a única coisa que anima o povo é uma grande e justificada sede de vingança. Na grande massa da população do país não germina o ideal mais ou menos perfeito duma remodelação político-económica. Na sua ignorância só uma coisa vê e que a exalta: enquanto ele morre lentamente de fome, os seus senhores disfrutam criminosamente do produto do seu trabalho.

Massa essa ignorância, que a história nos diz ter sido sempre o maior obstáculo à libertação do povo, desta feita poderá levá-lo bastante longe, tam longe que deite por terra, completamente destruído, o edifício da exploração capitalista.

Do desencadear da tempestade não sairá, sem dúvida, a sociedade livre tam ambicionada, mas a sociedade que vier há de ser muito diferente da actual. A burguesia, como classe dominante, tem os seus dias contados.

Dos sofrimentos que a esperam, só ela é culpada, pois quasi à beira do precipício que a há de sepultar, não emenda a mão, antes agrava cada vez mais a sua situação.

As atitudes dos nossos correspondentes continuam a confirmar os crimes dos exploradores.

Impressões da Rússia

O que Marcelino Domingo diz acerca do regime dos soviets

Todos os depoimentos que se possam obter de indivíduos que tenham estado na Rússia Vermelha são poucos. Contra as versões insidiosas que, a cada momento, a burguesia ocidental publica na sua imprensa, é necessário opor as palavras daqueles que, sendo testemunhas oculares, se prontificam a descrever o que viram. Marcelino Domingo, antigo militante republicano em Espanha, hoje socialista, tem feito algumas conferências sobre o que viu na Alemanha, Austria e Rússia. Da sua conferência sobre a Rússia recortamos de *A Voz*, onde foi publicado o extracto da mesma, os trechos que seguem, esperando dar outros trechos interessantes em números seguintes:

A revolução russa

Decorria a guerra. Um país europeu, em vez de seguir a luta fora das fronteiras, desencadeia um movimento no seu interior. E não só atendeu a esse movimento como, ao mesmo tempo, teve que decidir se havia de seguir ou se havia de suspender a guerra. Este país é a Rússia.

Quando se assinou o armistício, quando se apagou o fogo que acendiam os exércitos, acabou a guerra política; mas iniciou-se outra de resultados mais práticos: era a guerra social que começou na Rússia e hoje vai correndo de uma a outra parte do mundo.

E que é hoje a Rússia? Seguramente vindes com a impressão dos relatos que a Rússia faz nas gazetas publicadas por toda a parte.

Detenhamo-nos um momento pensando naquelas doutrinas e naqueles homens que representam numa sociedade constituída doutrinas contrárias a essa sociedade. Os homens que tenham em sua alma um verdadeiro fervor religioso, sabem que nenhuma doutrina foi tam atropelada nem tam escarnecida como a cristã, e que nenhum homem foi tam enganado e tam martirizado como Cristo.

Vejamos coisas mais próximas de nós: o movimento da Revolução francesa. Estudemos factos e homens e apreciemos que as gazetas daqueles tempos caluniavam aqueles homens e aqueles factos: acumulam todas as infâmias que queiram, pensam em todas as acusações que se possam lançar contra os homens; nunca serão mais do que as que se acumularam contra os homens da Revolução francesa. E, no entanto, hoje, para nós, a doutrina da Revolução francesa é sagrada.

Ainda há factos mais recentes. Lloyd George, antes da guerra, governava em Inglaterra como hoje; dedicava as suas energias a expor terríveis incultas e a fazer impostos sobre o capital e renda. Foi Lloyd George o iniciador de uma nova vida económica no seu país. Pois os periódicos conservadores de Inglaterra lançavam-lhe calúnias, e num dos momentos mais graves de Inglaterra acusaram-no de estar implicado na Sociedade Marconi, a Sociedade mais forte. E Lloyd George, para defender-se, teve que falar de sua vida íntima, e ainda depois de se ver a sua conduta limpa, continuaram acusando-o.

Pois isto e só isto é o que sucede com a Rússia: caluniam-na por toda a parte. Como se vive na Rússia? Tendes ouvido falar da fome, da miséria que ali se passa, e eu, testemunha ocular, digo-vos que na Rússia hoje vive-se melhor que na Alemanha, e que na Austria, e tam bem como em Inglaterra e em França; não vos digo que haja ali abundância de alimentos — que não há — também não há, como na Alemanha, a injustiça e a iniquidade e abundância de miséria; na Rússia não sobram as quantidades de comida, mas o chefe do Estado é Lênine, e este não tem no seu prato mais razão do que o último trabalhador da Rússia. Há ali a miséria que há em toda a parte, mas não há injustiça, e quando não há injustiça, suporta-se a miséria com resignação, porque se pensa que a miséria é a igualdade.

NOTAS & COMENTARIOS

Ópio A *Capital*, nestes últimos dias, tem recolhido todos os boatos falsos e notícias tendenciosas. Só assim se tornaria um jornal de agradável leitura. Temo-lo percorrido de principio ao fim e ficamos bem dispostos. A *Capital* é uma espécie de opio envenenado delicioso. Nós ainda ontem lemos uma notícia de última hora — com todas as propriedades do opio, opio chinês, do melhor, apesar de ser redigida em português. Damos-lhe de presente aos nossos leitores, para terem, como nós, o prazer de sonhar com felicidades futuras.

Corria hoje com grande insistência no governo civil, que os srs. commissários geral da polícia e demais officialidade da corporação, bem como os directores da policia de investigação e da segurança do Estado, tinham pedido a demissão dos seus cargos por não encontrarem apoio nas instâncias superiores, para as medidas que urge adoptar para o fim de uma vez por todas se pôr termo à propaganda sindicalista.

Coitados! Não encontram apoio nas instâncias superiores para acabar com os boatos falsos e notícias tendenciosas? Não haviam de estar ao nosso lado. Vamo-nos ver livres de tam preciosos despojos. Será verdade? Acreditamos. E sonhamos com sossego e liberdade...

Cartas anónimas Lemos ainda na *Capital* que o dr. Reis Júnior, director da policia de investigação, continua a receber cartas anónimas, ameaçando-o de morte. A carta anónima já esteve muito em moda. Houve tempo em que as criadas de servir as recebiam às dezenas para que cedessem qualquer favor... Vinha-se a averiguar que eram escritas pelo patrão. Hoje a carta anónima quasi não se ouz. Já ninguém a teme. O sr. Reis Júnior está (até certa ponto) na situação das criadas apitadas. O sr. Reis Júnior não deve temer os anónimos.

De resto, temer os anónimos porque? O sr. Reis Júnior já sabe quem eles são. E sabe-o devido à argúcia da *Capital* (este periódico é insubstituível). Imaginem que já descobriu que os anónimos são apenas... os sindicatistas em acção!

Desvairados... A *Vitória* continua a não achar autoridade para apurar os actos dos juizes. Em seu entender, a *Batalha* é demasiado desvairada para poder condenar as suas infâmias. Nós não temos mesmo o direito de criticar os enganos e as injustiças dos juizes. Quando estes erram e os poderes públicos sancionam esses erros, quem os deve julgar? Nós não, porque os seus desvairados. A *Vitória* também

Guardados..

Al pelas 24 horas da noite passada plantaram-se nas imediações do edificio onde está instalada a *Batalha* duas criaturas cuja presença é assaz suspeita. Trata-se de dois policiais da segurança do Estado, que nos rondam a porta, não sabemos ainda com que intuito. Mas talvez o saibamos daqui a pouco. A hora a que fechamos o jornal ainda os cavalheiros p'ra ali entretem seus ócios, com o evidente propósito de não serem notados, porque sempre que passe qualquer automóvel se ocultam prudentemente.

Que estará na forja? Mistério!

Por conta-gotas

A policia continua a brincar, certamente. Cremos que acha divertido conservar nos calabouços do governo civil os camaradas presos no Centro Socialista. O fim da reunião já está suficientemente explicado para que a arbitrariedade cesse.

De resto, a policia já reconheceu o erro. Tanto que está mandando sair os presos pouco a pouco.

A data encontram-se no governo civil apenas: Vitor Martins, Gustavo Neves, José Maria Esteves, Manuel Abreu Vieira e Matias José Sequeira.

E a liberdade por conta-gotas. Vejamos se hoje despejam as cinco gotas que faltam.

EM OVAR

Carestia e escassez dos géneros

OVAR, 21.-C. A carestia da vida é o assunto que mais preocupa neste momento todos os cidadãos. O preço dos géneros de primeira necessidade voltou quasi em absoluto e as pequenas quantidades que aparecem, quando aparecem, são vendidas por preços verdadeiramente criminosos.

O azeite falta completamente e alguns que se aquirem nos conventos vizinhos é ao preço de 24 e 26 o litro.

O azeite já há muito que não frequenta a casa dos remediados quanto mais a dos pobres. Há dois meses que a Câmara fez uma diligência para comprar azeite e não conseguiu fazer. Os correioeiros, amigos e compadres foram largamente abastecidos, no passo que famílias numerosas de 10 a 12 pessoas tiveram apenas um quilo.

O arroz é por razão, mas os srs. mercadores não apenas metem do que se lhe pede, quando dão, porque geralmente dizem que não há, quando é certo que há aqui muito arroz, pois esta vila é um centro fornecedor do país.

Para onde foram centenas de toneladas que os fabricas e os moinhos de água descaçaram durante o inverno? Os senhores negociantes bem o sabem e sabem-lho nós também.

A onda de revolta vai-se avolumando e tornando feio. As nuvens que se vão acastelando nos ares prometem borrasca. A fome com todas as suas tremendas consequências atinge-nos e os governos na mesma incuria e o comércio levava z no mesmo regabato. E depois dizem que é boicote.

EM PONTE DO LIMA

A distribuição do apúcar

PONTE DO LIMA, 21.-A câmara municipal tem feito tam equitativamente a distribuição do apúcar, que o antigo e probo republicano sr. Barbosa Perre, enojado com o procedimento dele, se queixou, em telegrama, ao presidente da República, quando se tratou da penúltima remessa.

Das remessas que tem vindo para este concelho, tem distribuído ao povo uma insignificante, desprezando o resto. Quando está a escuridão referente ao apúcar que a câmara tem recebido e a relativa às distribuições realizadas? Digam, senhores, édis.

Édis limarense alguns eram pobres há poucos anos, mas desde que se criaram os celeiros municipais tem barriga à custa do povo consumidor.

Passaram a senhas para a corrente média, mas há dias publicaram editais para as senhas da 3.ª, 4.ª, e 5.ª semana seja novamente carimbadas. Houve fim para a passagem das senhas e agora dá-se nova lista para serem carimbadas, perdendo-se dias para o conseguir. Há dias tive de ir à sede do concelho, pois residio no Crato, para procederem à aplicação do carimbo nas senhas, mas o vereador Evangelista do Crato recusou-se a fazê-lo, dando origem a pórem-mo fora da porta. São uns verdadeiros tráfegos estes senhores camaráes.

NAS CALDAS DA RAINHA

Um «Batata» que torja a carestia da mesma

CALDAS DA RAINHA, 21.-C. A alimentação está pela ultima, não sabemos onde isto irá parar.

Um litro de mau azeite custa 160, e o mesmo isto tudo o mais. Com as batatas, por exemplo, há um interesse. O preço de um em que as batatas e o amido *Batalha* fizeram das suas. No mercado havia ultimamente batatas a 100 vel, o nosso ditador das *Batalhas*, *Batalha*, e mandou imprimir avisos, que ele mesmo distribuiu a verdadeiras dizendo que era agora assim a venda das batatas.

Alguns que baixava o seu preço? Enganem-se: as batatas passavam por 23, pois os preços eram regulados pelo armazém da Câmara de Ovar. Batatas não é a batata de L. Gama mais caro, com o agravante de ser mais ordinária que a do mercado, continuando as contrabandistas ou vendedoras a vendê-las a 23, isto por insinuação do ditador, para que os preços não fossem só o 160. Que foi? Este amigo *Batalha* anda a seguir a passos largos as batatas do Maldonado, que também se arranjaram a seguir a passos largos as batatas do Maldonado. Mas não é o professor, é interior, interior do Zé que consente e até é capaz de nos mandar maliciados por descobrirem estas verdades.

Se o Zé quizesse todos esses panfletos, esses panfletos, se retiravam a privacidade. Mas o Zé acabou de não fazer. Os cavalheiros! A porta da imortalidade está desimpedida, na estrada não há perigo.

Enquanto é amplo sem silvas nem ortigas... Enquanto a malandragem, o rito consente, é encher o bandedeio... esfimados...

NA PRAIA DA GRANJA

A tabela da fome!

PRAIA DA GRANJA, 22.-C. Quando ontem subimos, por acaso, do preço actual dos géneros e mais alguns artigos necessários e indispensáveis para a vida da população de casa do trabalhador, ficamos verdadeiramente espantados. Constatamos: não sabemos que os preços das subsistências estavam tam altos. Se os preços fossem mais baixos, a vida de casa do trabalhador seria mais agradável. Toda essa coisa infame de assembléias e de que rouba descaradamente compreendemos muito bem a desfaçateira que os negociantes que nos levam o último vintém, compreendemos bem a pouca vergonha que tem esses mercadores porque nos vendem o que não é deles. Se os preços fossem mais baixos, a vida de casa do trabalhador seria mais agradável. Toda essa coisa infame de assembléias e de que rouba descaradamente compreendemos muito bem a desfaçateira que os negociantes que nos levam o último vintém, compreendemos bem a pouca vergonha que tem esses mercadores porque nos vendem o que não é deles. Se os preços fossem mais baixos, a vida de casa do trabalhador seria mais agradável. Toda essa coisa infame de assembléias e de que rouba descaradamente compreendemos muito bem a desfaçateira que os negociantes que nos levam o último vintém, compreendemos bem a pouca vergonha que tem esses mercadores porque nos vendem o que não é deles.

I Congresso Nacional Mobiliário

Para apreciar a acção dos delegados que se encontram no norte em missão de propaganda e ainda para tomar conhecimento dum officio do Sindicato Unico do Porto, reúne hoje, pelas 20 horas prefissas, a comissão organizadora, devendo comparecer todos os comitantes.

O aspecto da Rússia

Detenhamo-nos um momento e analisemos essa miséria para lançá-la, como fosse botafeita, à cara dos que falam mal da Rússia. Vejamos o seu aspecto: a Rússia fez a guerra e a revolução. Quando os outros países podem dedicar-se a reconstruir o seu território, a Rússia, mais as suas convulsões, está cercada pelo bloqueio, que é uma continuação da guerra. E esses outros países, Inglaterra, França, Alemanha, Estados Unidos, se depois da guerra se tivessem visto cercados como a Rússia qual teria sido a sua situação? Se a Espanha tivesse sustentado cinco anos de guerra, tivesse feito a revolução e se encontrasse cercada por um bloqueio qual seria a sua situação? Haveria ali riqueza e abundância?

Os homens hão de fazer justiça aos actos dos outros homens e a Rússia não se tem feito justiça. Se não se tivesse feito o bloqueio, a Rússia seria hoje o único país da Europa que poderia ter abundância. E é que a Rússia é um país produtor de matérias primas, e com isto poderão ali faltar fábricas, mas não haverá fome. Não podem ter carvão porque as minas do Donetz estão ocupadas pelos exércitos de Denikine. A Rússia tem riqueza têxtil, mas não tem maquinaria, e o bloqueio impede de transportar as matérias primas.

Em entrar na Rússia recebe-se a impressão de uma grande segurança; ao falar-lhes do alto espírito civil dos povos que não são Espanha, como França e Inglaterra, dizem-lhes que a policia não usa armas. Deixando estes povos a entenderem os na Alemanha, volta-se a encontrar a policia armada. Deixa-se a Alemanha e entra-se na Rússia e a policia anda ali como em França e Inglaterra: sem armas.

